NANCY, Jean-Luc. *Banalidade de Heidegger*. Trad. de Fernanda Bernardo e Victor Maia

Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. 94p.

12

RESENHA

Luís Gabriel Provinciatto*

ISSN online 2178-4612 Disponível: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura

Uma primeira versão da presente obra de Jean-Luc Nancy foi originalmente publicada em alemão, em 2015, como resultado de um colóquio, cujo título era *Heidegger, die Juden, noch einmal* [*Heidegger, os judeus, mais uma vez*] e foi organizada pelo *Heidegger Institut*. O volume no qual se encontra esse estudo de Nancy leva o mesmo título do colóquio e foi organizado por Peter Trawny e Andrew J. Mitchell, sendo publicado pela Vittorio Klostermann. Não se trata, então, de um estudo isolado ou pontual por parte de Nancy, pelo contrário: há um contexto no qual o presente estudo está inserido. E mais: um contexto específico que visa a discutir (novamente) a relação entre o pensamento de Heidegger e um (possível) aspecto antissemita a ele intrínseco, bem como a relação inexplícita desse mesmo pensamento com uma herança judaica presente na cultura ocidental. O trabalho final de Nancy, agora traduzido para o português, segue basicamente a primeira versão, conforme dá a entender o próprio autor na nota conclusiva da obra. (Nancy, 2017, p. 81-82).

A obra em si está dividida em 12 tópicos, indicados por números romanos e não levam título algum; uma nota conclusiva; um suplemento. A principal intenção de Nancy é justamente trazer à discussão um ponto que, em sua visão, tenta-se encobrir no pensamento de Heidegger: o aspecto antissemita. Note-se, porém, o seguinte: a premissa de que o pensamento de Heidegger tem um caráter antissemita é assumida por Nancy desde o início da obra, o que não significa que ela seja um ponto pacífico entre os comentadores e estudiosos das obras de Heidegger. Na verdade, a obra de

* Doutorando em Ciência da Religião – área de concentração: Filosofia da Religião – pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com bolsa de financiamento da Capes. Mestre em Ciências da Religião e licenciado em Filosofia pela PUC-Campinas. *E-mail:lgprovinciatto@hotmail.com*

Nancy não inaugura o debate, visto que obras inteiras se propõem a estudar a (possível) relação de Heidegger com o antissemitismo. Destacam-se, por exemplo, as obras de Peter Trawny – *Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial* (Mauad X, 2015), Victor Farías – *Heidegger e o nazismo* (Paz e Terra, 1988) – e Emmanuel Faye – *Heidegger: a introdução do nazismo na filosofia* (É Realizações, 2015).

Nessas obras, bem como na de Nancy, os autores assumem uma premissa: há um aspecto antissemita no pensamento de Heidegger que, na maioria das vezes, permanece velado. A principal diferença trazida por Nancy: não vincular esse aspecto antissemita a uma mera adesão política ao partido nacional-socialista, ou seja, não se trata de argumentar que Heidegger cunha uma filosofia com pretensões de defender e/ou justificar o partido nazi. Na verdade, a partir do modo como a obra é conduzida se pode entender que essa adesão tem pouca relevância filosófica no conjunto do pensamento heideggeriano. O principal aspecto antissemita provém, de acordo com Nancy, da própria formação do Ocidente. Desse modo, Nancy direciona a atenção ao pensamento de Heidegger, mas o vê como plenamente inserido no advento (antissemita) do Ocidente. Conforme se lê na nota conclusiva: "Não basta condenar a ignomínia do antissemitismo: é preciso pôr-lhe as raízes à luz do dia – e isso não significa nada menos do que intervir no próprio coração da nossa cultura". (Nancy, 2017, p. 78).

Não se trata de salvar ou condenar Heidegger, muito menos de refutar seu pensamento com a pretensão de riscá-lo do mapa filosófico. Não são raras as vezes em que se encontram expressões como "também aqui se abre uma interrogação de que não posso senão indicar o princípio". (Nancy, 2017, p. 42). E "ainda aqui, não posso senão entreabrir uma perspectiva para um trabalho futuro". (Nancy, 2017, p. 55). De fato, tais expressões revelam um aspecto importante: o próprio autor mostra ciência em relação ao limite de sua própria obra, de modo que, ao invés de se fechar em si mesma, o texto *Banalidade de Heidegger* convida ao diálogo, seja para concordar, seja para discordar das teses aí anunciadas. Percebe-se isso no estilo como os 12 tópicos estão construídos: textos curtos que vão desvelando o aspecto antissemita do pensamento de Heidegger.

Deve-se alertar, no entanto, que não se trata de assumir uma premissa e vasculhar as obras do filósofo alemão com a pretensão de colocar Heidegger contra Heidegger. Conforme se avança na leitura da obra, se percebe o seguinte: Nancy se detém nas anotações particulares de Heidegger já publicadas sob o título *Cadernos negros*. Além disso, Nancy traz para discussão

mais pormenorizada o sentido da expressão *Weltjudentum* – traduzido para o francês como *juiverie mondiale* e para o português como *judiaria mundial* – que consta nos *cadernos*. Ainda a respeito disso: atenção seja dada à nota de tradução de número 19 (p. 17-20) que conduz à raiz dessa expressão e ao sentido empregado tanto por alemães quanto por franceses.

Essa nota de tradução é o primeiro ponto onde se percebe que a crítica dirigida por Nancy ao pensamento heideggeriano ultrapassa aspectos político-ideológicos pautados pela supremacia biológica. Pode-se dizer, na verdade, que essa nota de tradução é um primeiro momento de *apresentação* do pensamento de Jean-Luc Nancy, dado que aí se mostra, inclusive, qual é a principal intenção do autor ao explorar melhor a expressão "judiaria mundial":

> Sem qualquer intuito de negação ou de denegação, o antissemitismo de Heidegger estaria inscrito na própria História *do* Ser e seria, portanto, um "antissemitismo historial" – será o que J.-L Nancy aqui salienta, perscrutando-lhe os pressupostos filosóficos a fim de os trazer à luz do dia. (NANCY, 2017, p. 18).

Aqui se deve fazer notar à ausência de uma devida *apresentação* à obra. Tal *apresentação* poderia ser confeccionada para suprir dois pontos: 1) a apresentação do trajeto filosófico do próprio Jean-Luc Nancy, dada ainda a pouca recepção de seu pensamento em território brasileiro, sobretudo como um estudioso de Jacques Derrida (1930-2004) e Martin Heidegger; e 2) a contextualização da principal obra discutida por Nancy nesse texto, os *Cadernos negros*, visto que neles não se encontram somente anotações referentes a aspectos políticos da época: há ali uma gama de temas, que, é bem verdade, está apresentada como um amálgama.

A nota de tradução acima destacada exerce informalmente o papel de tal *apresentação*, mas não a substitui. A ausência de uma *apresentação* pode confluir em uma leitura superficial da obra de Nancy, levando o leitor à conclusão de que os *Cadernos negros* são uma espécie de "diário proibido" de Heidegger, o que é um equívoco. A confecção de um tópico inicial que se proponha, de fato, a apresentar a obra, pondo-a num horizonte de compreensão, cumpre com um dos pontos exigidos pelo próprio Nancy ao transcorrer do texto: o fato de todo pensamento possuir uma determinada inserção histórica, ou seja, não é possível pensar a *Banalidade de Heidegger* fora de seu contexto próprio, o que parece faltar à presente edição brasileira.

Mesmo assim, o leitor tem acesso ao texto integral de Nancy. Antes, porém, de apresentar o conteúdo aí exposto, é preciso destacar a qualidade das demais notas de tradução presentes ao longo do texto: na maioria das vezes, elas se referem a termos-chave, de modo que a nota em si os coloca num horizonte de sentido, mostrando, inclusive, algumas das principais influências recebidas por Nancy em sua leitura de Heidegger.

É claro que o conteúdo do livro está intimamente associado à organização do mesmo. Nesse sentido, a seguir, se propõe uma possível chave de leitura da obra, dispondo-a em seis blocos, organizados a partir de uma maior proximidade temática existente entre os 12 tópicos. Veja-se: os tópicos I e II são uma espécie de introdução, na qual Nancy mostra a relevância tanto de tratar de um antissemitismo em Heidegger, fazendo uso da palavra *banalidade* quanto de indicar a proximidade disso com aquilo que Heidegger chamava de "outro início". Aqui se faz notar ainda: a temática do "outro início" é melhor abordada por Heidegger em *Contribuições à filosofia*, cuja redação se deu entre 1936 e 1938, podendo-se, assim, mencionar o fato de que, na verdade, Nancy projeta uma possível interlocução entre os *Cadernos negros* e as *Contribuições à filosofia*. Isso, no entanto, fica somente subentendido conforme transcorre o texto.

Entre os tópicos III e V, se diz a respeito da questão da "judiaria mundial" e sobre a decadência do Ocidente. A partir desse trecho que se pode confirmar a ideia de que Nancy não se propõe nem salvar e nem condenar Heidegger: sua proposta é mostrar justamente que, assim como toda e qualquer filosofia, há pressupostos ali intrínsecos, cuja compreensão exige um esforço de tentar compreender o incompreensível. Esse incompreensível, conforme se pode concluir, é justamente o que cunha a existência em sua historicidade, suas escolhas e decisões, seus pressupostos e pontos de partida. Dessa maneira, faz-se notar: com a pretensão de nem salvar e nem condenar Heidegger, Nancy parte de um pressuposto muito explorado pela filosofia heideggeriana, a saber, a noção de que a existência é sempre histórica, situada, tendo, portanto, que lidar com questões que lhe são intrínsecas.

A questão do "outro início" remete a um "primeiro início", explorado, mesmo que brevemente, entre os tópicos VI e VIII, que, além disso, trabalham para evidenciar a origem do antissemitismo. Nancy não se ocupa, porém, com uma demonstração historiográfica da origem do antissemitismo, pois o que lhe interessa é compreender o porvir, pois, nesse, já se encontra também o porvir do próprio Ocidente. Destaca-se, ainda, que é nesse

trecho que se encontra qual é a compreensão trazida por Nancy do que seja antissemitismo e da qual se destaca: ela está intimamente ligada à proveniência e à decadência do Ocidente. Essa dinâmica entre provir e porvir se acentua no tópico VIII. Isso importa porque, na verdade, essa compreensão de que provir e porvir – ou, caso se queira, continuidade e ruptura – não são movimentos contrários, mas perfazem o mesmo movimento é outro aspecto marcante presente nas *Contribuições à filosofia* – obra que está, no mínimo, nas entrelinhas do texto de Nancy. Esse, então, é outro pressuposto da filosofia heideggeriana apropriado por Nancy.

O tópico IX se mostra como um ponto de guinada na obra: nele Nancy torna explícito como um antissemitismo está presente no pensamento de Heidegger. Se o antissemitismo é colocado na proveniência do Ocidente, como faz Nancy, e Heidegger não lida com esse aspecto, logo, deixa de problematizar um aspecto fundante, inicial. Tratar do fundamento é uma das propostas mais caras à filosofia heideggeriana. Por isso, conforme indica Nancy, "que Heidegger tenha colhido e explorado a banalidade do antissemitismo significa que ele deixou um lugar – e não o menor – a um elemento decisivo da metafísica do ente: o pressuposto inicial, do fundamento e da origem, do autêntico e do próprio". (Nancy, 2017, p. 59).

Esse tópico IX ainda encaminha à leitura do X e do XI, pois, nesses, se percebe a tentativa de Nancy de justificar a afirmação de que Heidegger comete um descuido por não conduzir o antissemitismo à radicalidade conceitual, de modo a trazê-lo à luz do dia, deflagrando-o como um dos pressupostos do próprio Ocidente. Esse trecho ainda retoma aquela dinâmica de decadência do primeiro início e necessidade do "outro início". A respeito disso, Nancy comenta: "O Ocidente não terá cessado de, ele mesmo, se trair, essencialmente, e esta traição é, ao mesmo tempo, a condição para um outro início". (Nancy, 2017, p. 64). Esse trecho é significativo, pois, se, por um lado, Nancy compartilha da noção também apresentada por Heidegger de que é fundamental "outro início", por outro, há um rompimento com Heidegger no que tange à preparação desse "outro início": enquanto para Heidegger trata-se de um salto para o interior do primeiro início para dele se apropriar e, de fato, conduzir uma história do ser, para Nancy é preciso deslindar os pressupostos mais arraigados do próprio Ocidente, para que, efetivamente, seja possível algo como "outro início". Em outras palavras: é preciso deflagrar o antissemitismo.

O ponto de passagem para o tópico XII se encontra nos seguintes termos: "O Ocidente passou por uma série de episódios através dos quais

não fez senão adensar o velamento do que inicialmente se tinha desvelado". (NANCY, 2017, p. 74). Esse "adensamento" é o que Nancy reconhece como sendo a banalidade do antissemitismo: uma permanência muito longa de uma rejeição sempre crescente. Uma rejeição que é encarnada num povo, que, por sua vez, carrega consigo uma "figura marcada e destinada (messiânica, portanto, ou crística de certo modo)". (NANCY, 2017, p. 77). Com isso, Nancy não sinaliza somente para um antissemitismo judaico, mas também para um anticrístico. Isso, de fato, fica somente sinalizado no tópico XII, mas vem à tona no *Suplemento*, cuja principal função está em tecer algumas considerações a respeito do volume 97 das *Obras completas de Heidegger*, as *Reflexões I-V* dos *Cadernos negros* do período de 1942-1948.

Por fim, percebe-se que os *Cadernos negros*, embora ainda não tenham tradução para o português, são um espaço para ricas discussões e investigações. Pode-se não concordar com as teses e argumentos de Nancy, é bem verdade, mas não se pode desprezar esse estudo como uma recepção das obras de Heidegger. Recomenda-se, portanto, a leitura de *Banalidade de Heidegger*, pois aí se encontra algo de fundamental importância para o pensamento filosófico: o reconhecimento da grandeza de um pensador não dispensa apontamentos críticos, tampouco o descobrimento de limites intrínsecos a todo pensamento. De igual maneira, o reconhecimento dos limites não impede a devida apropriação de alguns pressupostos conceituais, o que não implica mera escolha, mas decisão ante o pensamento.

Submetido em 4 de dezembro de 2017.
Aprovado em 22 de dezembro de 2017.